

Tempestades de Verão

«Apaixonante.»
Ali Hazelwood

«Maravilhoso.»
Christina Lauren

«Impossível de largar.»
Jodi Picoult

SARAH
MACLEAN

TOP
SEL
LER

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Para Mark & Chiara

Capítulo 1

Havia qualquer coisa nos comboios.

Se registasse os minutos da sua vida, Alice Storm não ficaria surpreendida caso descobrisse que tinha passado quase um terço do tempo em trânsito:

- A bicicleta carmesim reluzente que tinha sido a sua prenda do 7.º aniversário e o seu bem mais precioso até o irmão a ter feito voar para a Baía de Narragansett, de onde jamais seria recuperada.
- O barco a remos branco que o seu pai tinha capitaneado para aquele mesmo mar salgado todos os sábados de julho durante toda a sua infância porque insistia em *enfrentar a natureza como Deus queria*.
- A sucessão interminável de carros pretos idênticos com condutores silenciosos que a transportavam da escola privada para as aulas de arte privadas e para a *penthouse* da família Storm na Park Avenue, com a cidade de Nova Iorque abafada e sombria do outro lado da janela.
- O *skate* em que tinha chocado contra uma árvore num domingo de manhã durante o seu primeiro ano em Amherst (determinada a provar que era uma jovem de 18 anos completamente normal), resultando num braço partido em três sítios.

- O helicóptero que a levou pelo ar para Boston para ser tratada e que a devolveu à escola a tempo de fazer o exame de História da Arte às nove da manhã, antes de os colegas descobrirem que não havia nela nada de normal.
- Os jatos privados que a levavam a dar a volta ao mundo sempre que o pai fazia uma convocatória internacional por capricho.
- O voo comercial que a tinha levado a Praga dezoito meses antes, com o anel de diamantes enfiado na bagagem de cabina do namorado.
- A carruagem do metro em que estava naquela tarde quando o telemóvel tocou e lhe roubou o fôlego: Chamada... *Elisabeth Storm* (nunca *Mãe*), feita de paredes beges e luzes intensas e anúncios a prometer pele limpa e apartamentos organizados e aquele poema de William Carlos Williams sobre ameixas e geleiras e perdão e as partes de nós que nunca mudarão.

E mesmo assim, havia qualquer coisa nos comboios.

Provavelmente porque ela própria os tinha descoberto. Todas as outras formas de viajar pelo mundo tinham pertencido a outra pessoa. Tinham sido partilhadas com outra pessoa. Mas os comboios... eram o seu segredo.

Não vinham com planos de voo; não vinham com irmãos a disputar a posição lá dentro, não vinham com mães a pedir champagne, não vinham com pais a julgar em silêncio. Não vinham desprendidos. Em vez disso, permaneciam presos ao seu caminho, pesados e competentes, imutáveis. Incapazes de serem atirados para o mar. Uma maravilha da modernidade que contrariava toda a tecnologia que veio depois deles. Sólidos. Equidistantes. Estáveis. Constantes.

Alice largou a mala no suporte de bagagem do lado de dentro da porta da carruagem do comboio e encontrou a primeira fila vazia, atirando o seu saco de lona verde-azeitona gasta para a cadeira do lado do corredor e deslizando para a janela, à espera de que uma quarta-feira à noite no comboio das 21h32 da Northeast Regional a recompensasse com uma fila só para si nas últimas horas de paz antes do que estava para vir.

Antes de enfrentar a investida da família... com uma ausência gritante e irreversível.

Do outro lado da janela, na plataforma da estação, um grupo de jovens de vinte e poucos anos descia as escadas rolantes, a rir e a gritar, com uma coleção de sacos para passar o fim de semana, sorrisos brilhantes, vestidos de verão, calções e óculos escuros, como se a noite não tivesse caído lá fora. E talvez não tivesse caído para eles. Talvez estivessem naquele momento maravilhoso da vida em que a escuridão não existe. Em vez dela, tudo era dia, cheio de promessas e vazio de medo.

Atrás deles, uma família ruiva e sardenta de cinco pessoas, um adolescente com capuz e auscultadores, duas meninas gêmeas com menos de 10 anos e os pais, carregados com malas e mochilas e uma bolsa da *Paris Review* que, outrora, poderia ter sido para projetar reputação livresca, mas que, naquele momento, era usada para garrafas de água em aço inoxidável e *snacks* orgânicos.

Uma mulher negra de meia-idade vestida de linho esvoaçante, com a sua pequena mala prateada com rodas como única prova de que viajava. Um homem branco alto, de face severa, na casa dos 30 anos, com um saco de cabedal na mão e uma mochila pendurada ao ombro. Um homem idoso, de face corada, com um impermeável creme, empurrado numa cadeira de rodas por um funcionário da Amtrak com um boné vermelho característico.

Um a um, entraram no comboio.

Alice tinha-se enganado. O comboio não estaria vazio. Em vez disso, estaria completamente cheio, carregado com algumas centenas de nova-iorquinos que se dirigiam para norte para um fim de semana de céu cor de cobalto e oceano cinzento-esverdeado durante a época mais mágica do ano na Nova Inglaterra, quando o resto do mundo voltava às aulas e ao trabalho e os nordestinos eram mimados com uma última semana de afastamento banhado pelo sol, agarrando-se à promessa de um verão sem fim.

Tinha-se esquecido de que era o fim de semana do Labor Day.

O lapso parecia inacreditável, considerando que ela tinha deixado a sua sala de aula recém-pintada e recém-organizada em Brooklyn seis horas antes, planeando o seu próprio último fim de semana prolongado de verão enquanto esperava pelo metro. Pilates naquela tarde. O mercado de frutas e verduras do Grand

Army Plaza para os últimos tomates ancestrais. Governors Island no sábado com Gabi e Roxanne, que insistiram para que ela saísse do seu apartamento vazio. Um domingo longo, a pintar na última luz do verão, antes que a escola tornasse os dias demasiado curtos para haver luz do sol.

Depois, o telemóvel tocou e esqueceu-se.

Recostando-se contra o tecido áspero da cadeira, concentrou-se no horário dos comboios, anunciado por um altifalante com estática, a voz do maquinista com sotaque cerrado da Nova Inglaterra: *Old Saybrook, New London, Wickford*. Com o volume suficientemente alto para afastar as pessoas do comboio errado, esperava a *Amtrak. Providence, Back Bay, South Station*. Suficientemente alto para impedir que ela se lembrasse.

O comboio começou a mover-se com um solavanco, com o primeiro passo atabalhado antes de ganhar velocidade e impulso, pesado e suave. Um conforto familiar.

Próxima paragem, New Rochelle.

Expirou. Quatro horas para o que se seguiria.

— Tem alguém consigo?

Não deveria tê-la surpreendido, mas assustou-se mesmo assim, endireitando as costas para encarar o olhar sério e cinzento do homem que tinha visto anteriormente na plataforma, alto e severo. Mais alto agora que estava perto. Mais severo, também.

As sobrancelhas escuras ergueram-se, enfatizando a pergunta enquanto apontava para a cadeira ao lado dela com o queixo, onde o seu velho saco de lona estava esquecido.

Não tinha ninguém consigo.

— Não. — Pegou no saco e deixou-o cair junto aos pés. — Desculpe.

O ruído que produziu como resposta foi quase impossível de ouvir sobre o som do comboio nos carris, o ruído branco do ar condicionado, o deslizar do saco dele sobre o suporte por cima. Encaixou-se no espaço que ela tinha libertado, com os joelhos contra o encosto da cadeira da frente.

Noutro dia, talvez ela tivesse prestado mais atenção. Mas não tinha tempo para reparar nele. Na verdade, estava vagamente ressentida com a sua presença, por lhe recordar que estava outra vez solteira, por ocupar o lugar com as suas pernas compridas e o tipo

de julgamento que vinha de estranhos que não faziam ideia de que se tinha tido um *dia daqueles*.

De que se preparava para ter *vários dias daqueles*.

Cinco dias. E acabaria. Conseguiria sobreviver cinco dias.

Pigarreou e ajustou-se na cadeira, fechando os olhos e tentando perder-se no ruído rítmico das rodas enquanto o comboio saía do túnel em Queens e deixava Nova Iorque para trás.

Depois de uma hora de viagem, avançavam para leste ao longo da costa sul de Nova Inglaterra, e Alice, sem conseguir dormir, com o telemóvel sem bateria e sem capacidade de concentração no livro que tinha enfiado na mala quando saiu a correr do seu apartamento naquela tarde, espreitou a escuridão tenebrosa do lado de fora da janela, onde o Estuário de Long Island permanecia imóvel, plano e invisível à distância, do outro lado dos pântanos de água salgada da costa do Connecticut.

Fosse como fosse, teria sido impossível ver, com a hora tardia e o céu escuro, mas a vista tinha concorrência: as luzes fluorescentes que refletiam o interior da carruagem contra a escuridão, projetando um brilho pálido sobre a prateleira desordenada do outro lado do corredor, cheia com sacos-cama e malas e um grande saco com riscas cor-de-rosa-elétrico e uma raquete de *pickleball* enfiada na bolsa lateral. Por baixo do aglomerado de tralha de viagem, duas adolescentes riam-se de um rapaz de cabelo encaracolado pendurado sobre a cadeira à sua frente com um sorriso pateta na cara. Noutra noite, Alice poderia ter sorrido com a sua imagem: perfeição de fim de verão. Mas, naquela noite, foi uma parte diferente do reflexo a distraí-la. O retângulo garrido e reluzente que brilhava no colo do seu vizinho.

O telemóvel estava aberto numa rede social qualquer, uma daquelas com *scroll* infinito.

O homem devia desligar aquilo. O *scroll* infinito apodrecia o cérebro de uma pessoa. Tinha apodrecido o dela antes de entrar no comboio, à procura do chuto de dopamina em tutoriais de maquiagem e vídeos de gatos... antídotos para o telefonema da sua mãe, a primeira vez que ligava a Alice em cinco anos.

O seu vizinho parou o *scroll* numa manchete impossivelmente grande contra a escuridão lá fora.

FRANKLIN STORM, GÊNIO INOVADOR, MORRE AOS 70

O seu polegar pairou sobre o *link*.

Não, disse ela, sem ter a certeza de conseguir afastar o olhar, apesar de conhecer a história no *link*. Conhecia-a desde que nascera. Franklin Storm tinha entrado na garagem dos pais em North Boston aos 17 anos e mudado a informática e o mundo com 1107 dólares e um sonho. Criou computadores grandes e pequenos, trouxe-os para casas e escolas e pô-los nos bolsos e nos pulsos do mundo inteiro.

Esse era o primeiro parágrafo. Os seguintes seriam sobre a sua empresa, a sua vasta coleção de arte, a sua filantropia, o seu charme, a sua ousadia (ninguém deveria ter ficado demasiado surpreendido com um acidente de planador, na verdade). E depois, a sua família.

Haveria fotografias, provavelmente do seu septuagésimo aniversário, tiradas em abril do ano anterior: as que Alice tinha visto na secção de Estilo do *Times*. Legendas. Uma nota de rodapé sobre a filha não fotografada (não convidada). Uma recordação do motivo.

Não abras.

Não abriu. Alice voltou a respirar.

Contendo a vontade de lhe dizer que lesse um livro ou coisa parecida, baixou a mão e tirou um jornal do saco. Não segurava um jornal de papel desde miúda, quando uma pilha deles era entregue no apartamento todas as manhãs.

Mesmo assim, alisou com a mão a primeira página do *New York Times* daquela manhã, impressa vinte horas antes, tornada imediatamente obsoleta naquele mundo onde (alegadamente) as NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA chegavam durante todo o dia, a toda a hora, diretamente ao retângulo preferido de alguém, ali num momento e desaparecendo no seguinte. Imediatamente transformadas em passado para dar lugar ao futuro, uma mudança tão rápida que o presente simplesmente desaparecia.

Porque o tinha comprado? Alice esfregou o polegar sobre as palavras, manchando-se com a tinta das notícias do dia anterior: o Antes. O jornal do dia seguinte seria o Depois.

O topo do interior da primeira página seria dedicado à morte do seu pai, a maior história da semana. Do ano.

Mais tempo para a Alice.

Mas, naquele momento, moveu os olhos sobre uma manchete sobre a inflação. Outra sobre nova-iorquinos desalojados. Uma terceira sobre a revolução da energia solar. Histórias que eram mais importantes do que qualquer coisa que o jornal dissesse no dia seguinte.

Histórias que não conseguia ler porque ali, na sua visão periférica, o seu companheiro de fila tinha virado o telemóvel e a parte de trás brilhava como obsidiana lisa e preta, sem qualquer reflexo, com um *S* prateado rodopiante como única marca, como o olho de um furacão.

Anos antes, quando era jovem, aquela insígnia vinha acompanhada por palavras: repetidas uma e outra vez em anúncios na televisão. Peças de teatro radiofónico. Anúncios impressos. O mundo inteiro conhecia-as.

Storm Inside®

O mundo não conhecia sequer metade da história.

Capítulo 2

Antes de os barões predadores da Era Dourada terem mudado a face dos negócios americanos com o aço, os bancos e o petróleo, o Comodoro Cornelius Vanderbilt mudou a face das viagens americanas, comprando e consolidando mais de uma dúzia de pequenas linhas ferroviárias e acumulando uma fortuna que poucos tinham alguma vez visto fora da realeza. (Quem precisa de títulos quando se pode ter comboios?)

Em 1870, Cornelius Vanderbilt II, bisneto favorecido de Cornelius Vanderbilt, o Original, fez o que os jovens ricos fazem desde que há jovens ricos: usou o dinheiro, o poder e a influência do seu avô para tornar mais fácil convidar amigos para festas.

Com o seu irmão, o jovem Cornelius fundou a Newport and Wickford Railroad and Steamboat Company, supervisionando meros cinco quilómetros de carris desde a principal linha ferroviária que ligava Nova Iorque a Boston até ao porto de Wickford, Rhode Island, uma cidade adormecida com uma geografia incrivelmente desejável. Wickford situava-se na extremidade ocidental da Baía de Narragansett, o estuário de 380 quilómetros quadrados que dividia a metade ocidental e continental de Rhode Island do lado oriental do estado, um arquipélago onde as famílias mais ricas da Nova Iorque oitocentista construíram as mansões exuberantes que seriam emblemáticas no turismo de Rhode Island e no cinema americano durante mais de um século.

Foram os Vanderbilts que puseram Wickford no mapa, de forma bastante literal, roubando terrenos agrícolas valiosos e vistas para o oceano a habitantes desprevenidos de Rhode Island (a expropriação não é só para os bilionários do presente) e construindo a linha que se tornaria a viagem mais segura e fácil até Newport para a elite nova-iorquina, juntamente com os seus cães, criados e segredos. Também abriu o acesso a uma coleção de pequenas ilhas privadas pela baía.

Naquela quarta-feira antes do Labor Day, enquanto o comboio 1603 da Amtrak North East Regional atravessava a fronteira de Rhode Island, ocorreu a Alice que, se os Vanderbilts vissem a alcatifa castanha gasta e os estofos em poliéster do comboio, teriam lamentado a cedência das viagens de comboio ao homem comum e pagariam a alguém para pegar fogo àquilo tudo.

Os barões predadores não conseguiriam deixar de ser barões predadores. Disso, Alice tinha a certeza.

Afinal, tinha sido criada por um.

Com um suave «com licença» dirigido às longas pernas na cadeira do lado do corredor, Alice pegou na bagagem e dirigiu-se para uma das três portas que se abriam para a plataforma elevada da cidade novamente adormecida, já não um centro de viagens para os ricos e famosos.

Fitou o telemóvel outra vez carregado e ignorou as bolas vermelhas no canto de todas as aplicações que usava com regularidade. Catorze novas mensagens de voz. Sessenta e três novos *e-mails*. Cento e vinte e uma novas mensagens de texto.

Abriu uma aplicação de boleias com o polegar a pairar sobre o quadrado verde enquanto esperava que o SOS no topo do ecrã se transformasse em barras indicativas de rede. E tentou não dar um duplo sentido àquele SOS.

— Também vou sair aqui.

Virou-se na direção das palavras e o homem estava ali. Alto, severo, pernas longas, cérebro apodrecido. Uma voz apazível, calma e profunda. O tipo de voz que dá vontade de ouvir. Não tinha reparado nisso antes.

— Desculpe?

— Digo isto só para não pensar que a sigo.

Foi uma coisa perfeitamente simpática para se dizer. Mas Alice Storm, terceira filha do GÊNIO INOVADOR FRANKLIN

STORM, MORTO AOS 70 anos, tinha passado uma vida inteira a ser seguida.

O comboio começou a abrandar.

— Isso parece o que diria alguém que me seguisse.

O canto da sua boca rígida e severa ergueu-se. *Quase nada.*

— Palavra de escuteiro.

Antes que Alice pudesse responder, o revisor entrou pelas portas automáticas.

— Wickford?

Saiu-lhe como *Wickfahd* e Alice não conseguiu evitar um sorriso ao ouvir o som da sua infância.

— Sim.

— Belo sítio para o fim de semana do Labor Day — observou o revisor.

O sorriso dela desvaneceu-se.

— É, sem dúvida — respondeu o homem que não a seguia.

— Vão comer lagosta?

O comboio parou e as portas abriram-se com um deslizar pesado, um rastrilho dos tempos modernos.

— Vamos, sem dúvida.

Surpreendida pelo uso do plural, Alice olhou para trás. Ele não estava a olhar na sua direção.

O revisor apontou com o queixo a plataforma da estação.

— Sortudos. Bom fim de semana.

— Obrigada — disse Alice, descendo para a plataforma enquanto o seu vizinho respondia:

— Iguamente.

As palavras perderam-se no ritmo das rodas, firmes e fiáveis, já em direção ao norte. Alice hesitou, vendo o comboio partir e, por um momento, imaginou o que aconteceria se corresse atrás dele, como num filme, saltando do fim da plataforma e agarrando-se ao fundo da última carruagem. E seguir até Boston. *Merda digna de um herói*, diria Gabi.

Alice suspirou. Mesmo pondo de parte a probabilidade de conseguir agarrar o fundo de um comboio em aceleração (zero, para que conste), fazê-lo não mudaria nada. As notícias seriam iguais.

Além disso, a sua família já esperava que ela não aparecesse, e recusou dar-lhes a satisfação de terem razão.

O telemóvel de Alice tinha duas barras de rede, felizmente, e foi rápida a convocar uma boleia. Era demasiado longe para ir a pé até às docas e demasiado tarde para esperar no interior de um sítio qualquer: nada na cidade pacata estava aberto depois das dez, mesmo na última semana de verão.

Pousou as malas no cone de luz amarela intensa de um candeeiro, mantendo-se fora da luz para evitar os escaravelhos-da-batata que dançavam à volta de um enorme sinal de PROIBIDO DEIXAR LIXO NO CHÃO e acomodou-se para os vinte minutos à espera do motorista que lhe tinha sido atribuído, olhando para o punhado de outros passageiros que se enfiavam nos carros alinhados ao longo da rua. Depois de alguns abraços felizes, cumprimentos entusiasmados e porta-bagagens fechados com estrondo, a rua ficou vazia, à exceção de dois carros e um todo-terreno estacionados do outro lado, escuros e silenciosos.

Deixando Alice sozinha.

Ou mais ou menos sozinha. A nove metros de distância, o seu vizinho estava por baixo de um candeeiro público, a enfrentar os escaravelhos-da-batata, com o telemóvel na mão.

Olhando na sua direção, ergueu o retângulo como se aquilo significasse alguma coisa.

— A minha boleia... não chegou.

— Não faz mal.

— Não quero que pense...

— Que me está a seguir.

Acenou uma só vez. Com ar sério.

— Certo.

— Está a despistar-me com muita competência.

— Ótimo.

Passaram alguns minutos. O seu motorista, Benny, chegaria dentro de dezassete minutos num *Honda* cinzento. Isso significava que ela estaria no cais dentro de vinte e cinco minutos. Na ilha numa hora.

Com sorte, estariam todos a dormir. Seriam quase duas da manhã. Deviam estar todos a dormir.

Por favor, que estejam todos a dormir.

Um estrondo ecoou ao longe, distante e quase impercetível, o prenúncio carregado de uma tempestade próxima, do tipo que

acontecias nas noites de verão junto à água, com relâmpagos, trovões estrondosos e chuva que nos ensopava a partir do momento em que começava, antes de passar, deixando para trás um céu limpo e estrelas brilhantes.

O pai adorava uma tempestade de verão.

O sussurro atravessou-a e susteve a respiração com a pontada que sentiu, um pensamento comum que não encaixava na sua extraordinária relação (se lhe pudesse chamar isso) com o seu pai. Ávida por distração, olhou para o seu improvável companheiro, ainda a olhar fixamente para o telemóvel.

Estava vestido com calças cinzentas, o que era estranho. As pessoas normais não usavam roupa de trabalho em South County a meio da noite. Especialmente na primeira semana de setembro, com 24 °C e a humidade que resultava de se estar a cinco minutos do oceano.

Fosse como fosse, não deixavam de ser calças cinzentas e uma camisa branca, e a única concessão ao clima era a forma como tinha arregaçado as mangas para expor antebraços em que Alice reparou. Como estudante de expressão artística, não por qualquer outro motivo.

Um desses braços ostentava uma mancha de tinta preta que não conseguiu identificar a princípio. Questionou-se se as pessoas para quem ele se vestira saberiam daquela tatuagem. Esconder partes de si era algo que Alice reconhecia.

O olhar dela subiu-lhe até à face e seguiu a linha afiada do seu maxilar inabalável. *Uma distração.*

Disse-lhe, elevando a voz sobre a distância que os separava:

— Foi escuteiro?

Olhou logo para ela, como se tivesse esperado que lhe falasse. Não lhe escapou a referência às suas palavras no comboio. Com um baixar de cabeça, algo que um observador menos atento poderia considerar sinal de incómodo, respondeu:

— Não.

— Fazer-se passar por agente fardado é um delito muito sério, sabe?

O homem pôs uma mão no peito.

— Desculpe.

— Não estou zangada, só desiludida.

Um vislumbre de dentes brancos e afastou os olhos pela rua tranquila de sentido único, como se tentasse forçar a aparição de um carro na esquina para o impedir de tomar uma má decisão. Porque o carro não apareceu, disse:

— E se lhe dissesse que, mesmo assim, sou bom a fazer fogueiras?

— Um incendiário, então.

— Não. — Abanou a cabeça. — Sou ainda melhor a apagá-las.

Levando em conta que Alice estava prestes a queimar-se, era a melhor coisa que podia ter dito.

— Nesse caso, pode esperar aqui comigo... se quiser.

Num dia diferente, num momento diferente, ela nunca teria proposto aquilo. Doze anos a andar no metro de Nova Iorque davam a uma rapariga um sentido muito real de autopreservação, mesmo em relação aos mais bonitos dos homens. E, se o metro não o tivesse feito, até dois meses antes, a existência do homem bonito com quem ela tencionava casar tê-la-ia feito ter muito cuidado com aquele.

Mas havia algo de imprudente naquele momento, na escuridão, a meio da noite, naquele lugar de alguma forma desconfortavelmente próximo da sua vida real e muito distante dela, com um homem, que poderia ser a última pessoa que encontraria durante algum tempo e que não sabia exatamente quem ela era, exatamente porque estava ali.

Que mal havia?

O convite pairou entre eles, no ar repleto de água salgada e de prenúncios da tempestade que se aproximava. Pernas Longas manteve-se perfeitamente imóvel, com o tempo a alongar-se até Alice pensar que recusaria e que não teria outra escolha senão entrar pelo mar dentro com a vergonha.

— Vai acender uma fogueira?

Já o fiz.

— Nunca se sabe.

Quando o homem se moveu, fê-lo de uma só vez, sem hesitação. Nada mais do que um passo largo a cobrir o espaço entre eles com uma graciosidade uniforme e constante, antes de se baixar para o banco ao lado dela com um nível de controlo que poucas pessoas teriam numa hora tão tardia.

Como um comboio. Como se ela fosse uma paragem programada.

Alice sorriu, e ele olhou-a, curioso.

— Isso é para mim?

Outro dia, outra hora.

— Estava só a pensar em comboios.

O olhar dele moveu-se para os carris atrás dela.

— Gostava de não ter saído dele?

— Como adivinhou?

— Talvez sinta o mesmo.

Por um instante, perguntou-se porquê, mas sabia que não devia perguntar, sabia que as suas perguntas iriam invocar as perguntas dele. Em vez disso, derramou uma nova conversa no silêncio que pairava entre os dois.

— Os comboios fazem-me pensar no Duke Ellington. Era um...

— Eu sei quem era o Duke Ellington.

— É músico?

— Você é?

— Não. Mas o meu pai... — Calou-se. Não queria o seu pai ali.

O desconhecido bonito não reparou.

— Porque é que os comboios a fazem pensar no Duke Ellington?

— Fez uma digressão por todo o país, com uma orquestra inteira, numa carruagem privada.

— Hum — disse ele. O som foi baixo e pensativo. Agradou a Alice. — Os sousafones não cabem na prateleira da bagagem de um regional da Amtrak.

— Acho que não havia um sousafone.

— Se o diz — disse ele, e Alice não conseguiu evitar a sua pequena gargalhada de surpresa. Havia qualquer coisa de fácil naquele homem, suave e competente. O tipo de homem que lhe dava vontade de o provocar um pouco, de o forçar a divertir-se.

Mas não havia tempo para diversão.

Alice olhou para o telemóvel. Benny estava a dez minutos de distância. Afastou os pensamentos confusos e ficou a pensar em *jazz*.

— A maior parte das pessoas não sabe que a orquestra do Duke Ellington atingiu a fama aqui. Em Rhode Island.

— Acha que essa carruagem privada parou aqui? Em Wickford?

— Exagerou a pronúncia do nome como o revisor do comboio. Longo e seco, sem dizer o *r*.

— Na verdade, sim. Algumas vezes.

— E tudo o que nos deram foram cachorros-quentes mornos e café do dia anterior.

— A queda da civilização — disse ela em voz baixa, pensando nas muitas formas como tinha viajado até àquele lugar na sua vida. Carros caros. Helicópteros, barcos à vela. Resistiu às memórias, voltando-se, ao invés, para a excelente distração à sua frente. Sólido e sonoro e com aqueles antebraços que...

A tatuagem era uma bússola. Geométrica e bela, com setas a alongarem-se em linhas longas e finas até ao seu pulso e ao cotovelo. Falou enquanto olhava a tatuagem.

— Não é daqui.

Ele não precisou de responder. Alice tinha razão. Qualquer um perceberia aquilo. Era um perfeito desconhecido a chegar à cidade... Nada nele se assemelhava sequer a alguém que tivesse crescido junto a algas, sal e restaurantes de amêijoas na praia. Era demasiado sério. Demasiado suave.

Viu-o erguer uma mão. E hesitar.

— Tem... tinta no cabelo.

Alice afastou o cabelo e a mão dele, constringida e perturbada pela facilidade com que ele tinha identificado a tinta, como se soubesse onde ela tinha estado naquela manhã, antes de ir para a sala de aula, antes de a mãe ter ligado e tudo ter mudado, quando tinha sido um dia perfeitamente normal, distante, agora. No passado.

Antes.

Ouviu-o pigarrear.

— É melhor apresentar-me — disse ele, estendendo aquela mão que não lhe tinha tocado, como se fossem pessoas normais a fazer uma coisa normal. — Chamo-me...

— Não.

Ele não continuou.

— Porque não?

— Porque depois... — Depois, ela teria de se apresentar. E, depois disso, ele ficaria a saber. E as coisas ficariam estranhas. E aquilo não era estranho. Bom, era estranho, mas não era estranho da forma como todas as outras interações da vida dela tinham acabado por ser estranhas.

Storm como em *Franklin Storm*?

Storm como em *Storm Technology*?

Storm como em *Storm Inside*®?

Sim, responderia, e sempre com uma gargalhada... como se fosse a coisa mais inteligente e original que alguém alguma vez tivesse dito... quando o que ela realmente queria dizer era: *Não. Nada disso. Esse é o meu pai.* Quando o que ela realmente queria dizer era: *Não penses nisso. Não te lembres. Deixa-me ser apenas banal. Um nome comum.*

E, depois, fingia ser outra pessoa. Porque outra pessoa era sempre mais interessante do que a verdade, que era esta: por mais que tentasse, a coisa mais interessante sobre Alice Storm tinha sempre sido o seu apelido. Ela tinha sido um esboço de pessoa, à sombra das histórias do seu pai: génio desvairado, bilionário audacioso, visionário que mudou o mundo. E, depois, tinha ficado à sombra da história do que ela lhe tinha feito: como o tinha traído, como ele a tinha exilado. Como ela ou o merecia ou ficaria melhor assim.

Outro estrondo ao longe, mais sonoro. Mais próximo. *Claro.*

— Os nomes tornam as coisas complicadas — disse ela, por fim, olhando-lhe para os olhos, atentos sob a testa franzida, como se tentasse perceber. — Sei que parece dramático, mas a minha vida já está complicada que chegue esta semana. Há alguma hipótese de... deixarmos os nomes de parte?

Ele percebeu.

— Claro. — Acenou com a cabeça e olhou para o telemóvel. — O meu carro está quase a chegar.

Alice imitou-lhe os gestos.

— O meu também — mentiu, Benny não tinha saído do sítio desde a última vez que verificou.

— É tarde — disse ele. — Vai ficar num hotel?

— Não. — Uma hesitação, demasiado longa.

— E você?

— Vou ficar no Quahog Quay.

As sobrancelhas dela ergueram-se ao ouvir o nome do motel que tinha sido um marco de Wickford desde a chegada da eletricidade a South County, com o seu letreiro néon a piscar QUARTOS. Nunca ninguém ficava no Quahog Quay.

— Porquê?

— Porquê o Quahog Quay? Ou porquê num sentido mais existencial?

— Presumo que escolheu o Quahog Quay pelo seu nome inteligente.

O homem não hesitou.

— Não resisto a uma aliteração.

Alice sorriu e inclinou a cabeça, aquecida por outra coisa que não a noite de verão.

— Sabe ao menos o que é um *quahog*?

— Presumo que não seja algo que se possa discutir em companhia educada.

Alice riu-se.

— E no sentido existencial? Porque está aqui?

Uma pausa.

— Trabalho.

— Ouvi dizer que têm um centro empresarial magnífico no Quahog Quay.

— Dou prioridade a um *fax* de qualidade. — Quando o sorriso dele brilhou na escuridão, algo se enroscou dentro dela: desejo. E depois, com um baque forte, outra coisa: a desconfiança.

Olhou-o nos olhos.

— É jornalista?

— Não.

Não tinha qualquer motivo para acreditar nele e, apesar disso:

— Palavra de escuteiro?

— Tenho de fazer uma fogueira para o provar?

Um ribombar distante e Alice olhou para o céu.

— Acha que consegue fazê-la antes da tempestade?

— Terei de lhe ficar a dever.

— Vou cobrar.

Quando voltou a olhá-lo, havia algo nos olhos dele que não via há algum tempo. Que não tinha percebido que lhe fazia falta.

— Ótimo.

Gostava daquela palavra, talhada e justa, como se aquele fosse um homem que fazia promessas e as cumpria. Que estaria por perto durante tempo suficiente para as cumprir. A seguir, ficou mais próximo e algo tinha mudado, fazendo-a pensar no que aconteceria se tirasse uma noite para si própria antes de enfrentar... o inevitável.

Outro ribombar, uma recordação de que quaisquer pensamentos desvairados sobre um caso de uma noite com um perfeito desconhecido eram apenas isso: pensamentos desvairados. E Alice Storm simplesmente não era o tipo de pessoa que concretizava pensamentos desvairados.

Tinha um pai que fazia isso e era evidente onde o tinha conduzido.

MORRE AOS 70.

As palavras desabaram-lhe em cima, dissonantes e indesejadas, e odiou-as por isso. O luto não devia ser assim, pois não? Devia ser gritos, choro e rasgar de roupas. Não assim: vazio. Como se o quisesse preencher com qualquer coisa que não fosse tristeza.

Como se o quisesse preencher com aquele homem. Com uma noite.

Uma porta de carro bateu ao longe.

Pigarreou e voltou a olhar para o telemóvel.

— Bolas.

— O aconteceu?

Alice abanou a cabeça.

— O universo. A minha boleia foi cancelada.

Um todo-terreno cinzento virou a esquina da Main Street. Pernas Longas disse:

— É a minha.

— Obrigada por me fazer companhia. — Não havia razão para se sentir assim, como se a partida dele fosse uma perda. Como se ele fosse um porto na tempestade.

— Está tudo bem? — Não havia motivo para ele reparar que não estava e, mesmo assim, parecia-lhe... — Precisa... de uma boleia?

— Isso parece *mesmo* de alguém que me seguia.

— Está bem, mas e se eu não quiser que *mais ninguém* a siga?

Era uma coisa muito decente para se dizer. O tipo de coisa que ela recordaria com carinho dali a cerca de uma hora, quando contasse aquele dia mau (eufemismo) à sua melhor amiga. Uma

memória do tipo: *E depois um tipo muito bonito e muito decente perguntou-me se eu ficava bem sozinha. E perguntei-me o que diria ele se eu dissesse: «Nem pensar. Devia ficar para me proteger. E, além disso, deixe-me trepá-lo como uma árvore.»*

E Gabi rir-se-ia e Alice contaria o resto do dia: a sua boleia a abandoná-la, o comboio barulhento e cheio de gente, as chamadas não atendidas a pedir comentários e entrevistas que nunca daria. E as chamadas que nunca chegaram das pessoas que deviam ter ligado. E, de algum modo, tudo pareceria melhor quando desligasse o telemóvel.

Só que aquele não era o tipo de dia mau que seria melhorado por um telefonema. Era o tipo de dia mau que aparecia uma vez na vida. Porque o azar (a viagem, o comboio, as mensagens de texto e as chamadas não atendidas) cobria uma coisa pior.

O meu pai morreu.

As palavras formaram-lhe um nó na garganta.

O meu pai morreu, não nos falávamos há cinco anos e não sei como me sinto.

Não podia dizê-las ao desconhecido. Em vez disso, deu um passo em direção a ele, inclinou a cabeça para o lado e tentou um tipo de sentimento diferente.

— Se o deixar dar-me boleia... que acontece a seguir?

Algo brilhou nos olhos dele. *Calor.*

Aquilo sabia bem.

Mas o calor não estava sozinho. Vinha acompanhado por arrependimento. Ou algum primo dele, como se aquele tipo decente não quisesse ser tão decente, mas seria, de qualquer forma.

O carro parou ao lado deles.

Alice apontou-o com o queixo.

— Fico bem. Foi um prazer conhecê-lo.

— Não nos conhecemos — disse ele. — Nada de nomes, lembra-se?

— Talvez nos conheçamos — respondeu ela. — Um dia. — Não aconteceria, mas Alice guardou a ideia como uma memória, mesmo assim.

Relâmpagos faiscaram.

Alice contou. *Um... dois... três... quatro.*

Um ribombar pesado de trovão.

— Oito quilómetros — disse ele.

Daquela vez, Alice não olhou para o carro.

— É melhor ir antes que... — *Antes que eu tome uma má decisão.*

— Tem razão. — Não se mexeu.

Estavam tão imóveis, suspensos como a humidade salgada que os rodeava. Ele iria beijá-la? Ela iria beijá-lo? Sem dúvida que não. Não era esse o tipo de coisa que Alice Storm fazia em público, em Wickford, Rhode Island, à vista de mil insetos e do condutor de um *Kia Sedona*, com o cronómetro do serviço de partilha de boleias a contar no tabliê.

E, mesmo assim... sentia-se tentada. Um beijo. Uma decisão contrária à sua personalidade. Um momento roubado. Uma última pausa, um esforço louco para evitar o inevitável.

Outro ribombar, aquele no peito, perdido num outro muito mais intenso por cima, um estalo medonho a rachar tudo: o céu, chuva repentinamente em toda a parte, à volta deles, em cortinas densas, a escuridão, um clarão de relâmpago tão intenso e próximo que lhe deviam ter sentido o calor e, depois, o nome dela aparentemente gritado a centímetros de distância.

— Alice! — Virou-se.

A luz intensa não tinha sido um relâmpago. Tinha sido o *flash* de uma câmara.

— Alice! — voltou a gritar o fotógrafo, encorpado, enrugado, com a barba por fazer, como se estivesse à espera do comboio há horas. E talvez estivesse? Outro grito. Outro homem a correr do outro lado da rua, onde os três carros estavam parados, às escuras. A observar. À espera de alguma coisa digna de fotografar.

Como sabiam que ela estaria ali?

Como não soubera *ela* que *eles* estariam ali? Afinal, havia duas notícias naquela semana. Um Storm tinha partido, outra tinha regressado.

— Alice! Tu e o teu pai continuavam de relações cortadas? Porque não vieste com o teu irmão e as tuas irmãs? Eles falam contigo? És bem-vinda a casa?

Anos de treino ativaram-se. *Cabeça baixa. Manter o rumo.* Mas não havia rumo nenhum. Benny e o seu *Honda* tinham-na abandonado e estava sozinha debaixo daquele candeeiro,

à chuva, à porta de uma estação de comboios fechada, rodeada pelo inimigo.

À deriva.

— Por favor. — Ergueu uma mão, sabendo que era inútil.
— Não...

Antes de poder acabar (*que tinha sequer a dizer?*), estava em movimento, empurrada para trás do não-escuteiro (mas-francamente-talvez-uma-espécie-de-escuteiro?), com a visão bloqueada pelos ombros largos dele, cobertos com algodão branco ensopado pela chuva.

— Para trás — disse ele num tom inflexível.

Eles não recuaram. Claro que não. Fotografias da filha de Franklin Storm naquele dia equivaliam ao salário anual daquele homem decente, e os *paparazzi* sabiam disso.

Mais *flashes* enquanto a chuva caía e Alice sentiu ligeiramente como se estivesse a afogar-se.

— Quem é o teu namorado?

— É sério?

— Raios partam. — O homem que decididamente *não* era seu namorado parecia falar a sério. — Entre no carro.

Um bote salva-vidas.

Alice virou-se para ir buscar as malas e ele agarrou-lhe na mão, forte e seguro.

— Não. — A palavra fê-la estacar. — *Entre no carro, Alice.*

Disse o nome dela como se o tivesse dito durante toda a vida e ela obedeceu-lhe imediatamente, sem surpresa por ver o condutor já a abrir a porta traseira. Atrás dela, ouviu Pernas Longas rosnar:

— Disse para se chegarem para *trás*.

Outro ribombar de trovão, encobrindo o que tivesse acontecido para causar um grito intenso e um agudo «Foda-se! Mas que raio?» enquanto ela entrava no carro, com o condutor a olhar para além dela enquanto dizia:

— Aqueles cabrões mereceram.

Depois de entrar, Alice baixou a cabeça e esperou enquanto os seus inesperados salvadores enfiavam as malas no porta-bagagens e se juntavam a ela. O condutor virou-se, com entusiasmo nos olhos.

— Suponho que não quererá ir para onde a aplicação me manda.

— Ainda não — respondeu-lhe o seu companheiro de viagem, cujo nome ela ainda não sabia. Devia perguntar-lhe. Mas talvez, se não o fizesse, ele também não lhe perguntasse o nome. Ou outra coisa qualquer. Algo como: *Porque há paparazzi à tua espera nesta cidade pacata de Rhode Island, a meio da noite? Porque não falas com a tua família? Pensando bem, quem é a tua família?* — Acha que os consegue despistar?

Um grande sorriso... aquele condutor teria direito a cervejas grátis para sempre com aquela história.

— Os idiotas são de Nova Iorque. Não sabem nada sobre Rhode Island.

— Vamos despistá-los, então.

— Sim, senhor. — O carro arrancou, quase atropelando o homem que saltou para fora do seu caminho, com o motor a esforçar-se para cumprir todos os requisitos de um carro de fuga.

— Para o motel, então?

— Primeiro, levamo-la a ela.

Alice acabaria por responder àquilo. Quando conseguisse afastar o olhar da mão dele, fechada num punho, presa ao antebraço decorado com a bússola, molhado pela chuva e, na luz dos candeeiros à frente, com os nós dos dedos vermelhos.

Como se tivesse batido em alguma coisa.

Mais tarde, atribuiria a uma combinação desvairada de tristeza e solidão o facto de gostar daqueles nós dos dedos, raspados e feridos. Mas, naquele momento? Quando virou o punho e abriu a mão com um «tome» forçado, gostou dele por outros motivos.

Especialmente quando reconheceu os pequenos retângulos na palma da mão dele. Um par de cartões de memória SD.

Os olhos dela voaram para os dele e ouviu-o dizer:

— Das câmaras. — Foi só isso. Mais nada, nada de a pressionar para obter informações que, francamente, lhe eram devidas, levando em consideração que tinha cometido um pequeno crime de agressão por ela.

Havia algo de intensamente atraente num homem que continuava a parecer não querer saber quem ela era ou porque tinha trazido o caos para a sua vida.

— Está tudo bem? — perguntou ele, pela segunda vez desde que tinham saído do comboio.

Não. Mas isto ajuda.

— Para onde, *q'rida?* — O motorista, daquela vez.

Para onde *ia* ela? Tinha estado tão segura do seu caminho, tão segura de que estava no caminho certo. E naquele momento... nada fazia sentido. Nada além do momento em que vivia. Tinha corrido perigo e isso passara. E, no dia seguinte, tudo voltaria, mas, naquela noite, aquilo fazia sentido.

Ele fazia sentido.

Estendeu a mão... não para os cartões SD. Em vez disso, pôs a mão dentro da dele, prendendo os retângulos entre as palmas, deleitando-se com o calor do seu toque, áspero e firme. Estável. Como o comboio.

Ao contrário de tudo o resto.

— Para o Quahog Quay.

Capítulo 3

Não foi uma caminhada da vergonha.

Sim, Alice tinha deslizado de baixo do braço pesado que lhe rodeava a anca e manteve-se perfeitamente imóvel, agarrada à borda da cama demasiado pequena do quarto 3 do Quahog Quay, olhando fixamente para a porta através da qual se tinham despenhado algumas horas antes, num emaranhado ofegante de corpos ensopados pela chuva e bagagem (literal e metafórica).

Sim, mal teve a certeza de que ele não acordaria, recolheu as roupas descartadas como se fossem munições por explodir e dirigiu-se silenciosamente para a casa de banho, fechando a porta como se estivesse a arrombar um cofre.

E sim, quando saiu da casa de banho depois de lavar a cara e escovar o sal e o mar do cabelo, ignorou-o com empenho, bonito, seminu e adormecido, enquanto se esgueirava para o sol das seis horas que espreitava sobre a baía, dourado e deslumbrante, prometendo queimar os restos da noite anterior.

Percorreu os quatrocentos metros que separavam o motel de madeira do cais, ansiosa por lá chegar antes que o mestre do porto ou qualquer outra pessoa daquela pequena cidade cheia de fala-baratos a vissem... mas não por ter vergonha.

Pelo menos, não por ter vergonha do seu caso de uma noite que, apesar de não encaixar na personalidade de Alice, se tinha revelado bastante formidável... em mais aspetos do que o óbvio.

Enquanto crescia, Alice Storm tinha aprendido a desconfiar de pessoas que simplesmente apareciam do nada. As ameaças eram inúmeras, desde as óbvias (fotografias e mexericos sobre raparigas ricas e mimadas eram a mercadoria contemporânea mais desejada, quanto mais lamentáveis, melhor) até às insidiosas: parasitas encantadores e espertos que fariam qualquer coisa, diriam qualquer coisa, pela proximidade da riqueza e do poder.

Franklin tinha treinado todos os seus filhos para desconfiarem de qualquer delicadeza que parecesse oferecida sem esperar nada em troca, resultando numa espécie de ausência de capacidades em questões de relacionamentos interpessoais. O primeiro vislumbre de atração que resultava em amizades rápidas e romances intensos para o resto do mundo não era de confiança para as crianças Storm, e Alice tinha erguido os seus escudos desde tenra idade, especialmente quando se tratava de sexo.

Ao longo dos anos, escolheu os parceiros como as outras pessoas escolhem os carros, levando cuidadosamente em consideração: quilómetros por litro (uma carreira profissional fora da tecnologia), classificação de segurança (interesse em Alice, mas não em Storm), valor de revenda (disposição para assumir um compromisso a longo prazo).

Claro que tinha cometido alguns erros (um deles colossal), mas a verdade era que os encontros de uma noite não eram bem classificados pela revista *Car and Driver*.

Mas Alice não tinha sido ela própria na noite anterior, o seu mundo não voltaria a ser como fora durante algum tempo e tinha *gostado* daquele homem grande e firme com as suas mãos fortes e o seu toque seguro e a sua disposição de lutar por ela.

Tinha gostado da diferença dele. Não era como os rapazes refinados e polidos da sua juventude ou como o homem frívolo e ruidoso com quem tinha planeado casar. Pernas Longas tinha estado cheio de aço silencioso quando esmurrara um fotógrafo e lhe pegara na mão na escuridão. E, depois, tinha sido deliciosamente brusco, com as palmas das suas mãos a acariciarem-lhe a pele, com a maneira como fechou a porta do quarto de motel com um pontapé depois de entrarem, produzindo um *bum* imenso, com as suas palavras roucas quando pressionou o peso do seu corpo sobre

ela, perguntando-lhe de que gostava. Dizendo-lhe do que gostava. Elogiando o seu corpo, o seu toque, o seu beijo.

Sem hesitações. Sem desculpas. Apenas... verdade.

A verdade era rara e preciosa na vida de Alice, por isso, sim. Tinha-se deleitado com a verdade daquele homem e do seu desejo e da sua capacidade para a ancorar ao seu próprio corpo durante algumas horas.

A calma antes das tempestades. Dos Storms.

Alice atirou as suas malas para um dos três barcos atracados na extremidade do cais corroído pelo sal, soltou as cordas e ligou o motor fora de borda, arquivando a noite, um segredo para guardar com todos os outros, enquanto zarpava para fora do porto de Wickford pela primeira vez em cinco anos. Desde o dia em que o pai a tinha exilado, finalmente, depois de ela o ter desiludido pela última vez.

A tempestade da noite anterior tinha soprado para leste na direção de Cape Cod e do mar, mas os seus resquícios permaneciam e a Baía de Narragansett agitava-se sob o pequeno barco, suficientemente bravia para tornar as seis milhas náuticas e meia até Storm Island um desafio.

Mas Alice tinha começado a navegar antes de andar... aprendeu aos pés de Franklin Storm como se ajustar e se acomodar, como lidar com um mar mercurial, como o respeitar. Podiam ter passado anos desde que tinha estado ao leme de um barco, mas tudo regressou com facilidade enquanto se dirigia na direção do sol brilhante, deleitando-se com o ardor da água salgada na sua pele.

Navegou o pequeno barco para nordeste, até à baía, adotando irrefletidamente a abordagem preferida do pai, pela ponta sul de Storm Island, onde um edifício pequeno e antigo abrigava um sino de nevoeiro no alto da encosta íngreme e rochosa.

Para muitos, aquele era o ângulo menos interessante de Storm Island, mas o pai dela adorava uma entrada em grande, e aquele percurso, contornando o penhasco no lado ocidental da ilha, proporcionava aos visitantes e curiosos uma surpresa de cortar o fôlego, com a rocha a afastar-se para expor uma manta de retalhos de árvores e campos delineados por muros de pedra centenários, conduzindo a uma enorme casa senhorial do século XIX no ponto mais alto da ilha, como uma personagem de um romance

gótico, mas sem a mulher de camisa de noite a fugir dos fantasmas no interior.

Mas, com franqueza: o dia ainda era jovem.

Alice abrandou o barco ao contornar o penhasco, apreciando a vista. A casa, alta e imponente, parecendo toda feita de empenas e vitrais, rodeada por alguns hectares de tomilho selvagem exuberante em verdes profundos e brancos e roxos brilhantes. A casa dos barcos, com as suas telhas de cedro desgastadas pelo tempo, suficientemente grande para albergar o precioso veleiro do pai, o *The Lizzie*, na época baixa. Degraus de ardósia robusta da doca pela encosta rochosa até à casa. Árvores anciãs... o carvalho-vermelho favorito do pai, enorme e forte. Ainda lá estava.

Cinco anos e nada tinha mudado. Além de tudo.

Afastou o pensamento, empurrando-o para o outro lado do nó que lhe subia à garganta enquanto atracava o barco e subia a colina até à Mansão Storm, entrando pela porta da frente destrancada (a vantagem de uma ilha privada: difícil de assaltar), esperando ser a única pessoa acordada.

Esperando ter algum tempo para vestir a armadura.

A porta fechou-se atrás dela, bloqueando o sol brilhante da manhã e devolvendo o vestíbulo à escuridão silenciosa. Os olhos de Alice ajustaram-se e uma mulher alta, esbelta, perfeitamente engomada e artisticamente grisalha surgiu, descendo a ampla escadaria central.

Não haveria tempo para a armadura. A sua mãe tinha chegado pronta para a batalha.

— Alice! — Elisabeth Winslow Storm dirigiu à sua terceira filha uma inspeção demorada. — Vieste.

Não havia entusiasmo na observação, apenas uma ligeira pontada de surpresa.

— Prazer em ver-te, mãe — disse Alice, ignorando o isco, largando as malas do lado de dentro da porta e passando uma mão pelo cabelo, despenteado pelo vento na baía.

— Não ouvi o helicóptero.

Alice não andava num helicóptero Storm há anos e Elisabeth sabia disso.

— Vim de comboio.

— De comboio. — Uma pausa enquanto Elisabeth pairava no último degrau, com uma mão longa e graciosa tocando ao de leve o poste central elaboradamente esculpido. — Que engenhosa.

Engenhosa era uma das palavras de Elisabeth. Aquelas que todas as mães têm, concebidas para carregar em todos os botões que tinham instalado. Aquelas que servem de suporte a outras palavras mais específicas. No caso da mãe de Alice, *engenhoso* vinha acompanhada por *interessante*, *criativo*, *moderno* e *encantador*, e exigia uma leitura tonal que muitas vezes deixava o destinatário perplexo (devia dizer-se que a única coisa que Elisabeth alguma vez na vida tinha achado verdadeiramente encantadora tinha sido Franklin Storm, e mesmo isso não durou).

No entanto, a primeira língua de Alice tinha sido a da sua mãe e conhecia o significado de *Que engenhosa*. A tradução era: *Isso foi incrivelmente estúpido*.

— Isso explicará porque demoraste um dia inteiro a chegar. Mas não tinha a certeza de que te veríamos.

A irritação surgiu e Alice não conseguiu impedir-se de responder.

— Mãe, a sério?

Elisabeth ergueu um ombro esbelto.

— Há anos que não vens aqui. Porque haveria de te esperar agora?

Porque o meu pai morreu. Porque o teu marido morreu. Porque é isto que as famílias fazem... mesmo as que são assim.

Demasiado para as seis da manhã.

— Estou aqui agora — disse Alice.

— Hum. — Aquele único som continha um discurso de Estado da União inteiro. — Sem o Griffin?

Sem o Griffin, nunca mais. Alice engoliu a verdade e mentiu.

— Ele não podia faltar ao trabalho.

— Trabalho — repetiu Elisabeth, num tom que sublinhava os sentimentos de toda a família em relação ao (agora secretamente ex) noivo de Alice. — Ser artista de rua mantém-no ocupado?

— Ele é ator, mãe — disse Alice, odiando a defesa automática de um homem que já não tinha a obrigação emocional de defender e que, de alguma forma, não conseguia deixar de defender.

— Ator. — Elisabeth desceu para o chão de madeira brilhante do vestíbulo. — Pensei que trabalhava num café. — Não era preciso

grande pensamento. Griffin era um ator sobretudo desempregado em Nova Iorque que, quando precisava de dinheiro (o que acontecia a toda a hora), fazia turnos no café que o seu melhor amigo geria. Elisabeth sabia-o. Toda a gente sabia. Tinha sabido. Mas Alice não se importava porque fora *dela*. — Não importa. Como dizes, estás aqui agora e é bom ver-te depois de tanto tempo longe.

Alice inclinou-se para o breve abraço da mãe, descontraindo os dentes cerrados quando Elisabeth lhe deu um beijo algures nas proximidades da orelha esquerda. Perguntava-se quantas referências vagas (acutilantes) aos últimos cinco anos teria de suportar antes de cumprir a pena exigida.

Não se perguntava quando é que a mãe assumiria alguma responsabilidade pelo que tinha acontecido há cinco anos. Pelo que tinha acontecido desde então (ou não tinha acontecido, na verdade). *Responsabilidade* não era uma das palavras de Elisabeth.

Inclinando-se para trás, Alice pegou numa das mãos da mãe e estudou o rosto da mulher mais velha, a pele impossivelmente lisa interrompida por um punhado de linhas quase invisíveis era a inveja das mulheres trinta anos mais novas, o resultado combinado de genes excelentes, de um compromisso militante com a proteção solar, de uma esteticista facial que fazia visitas ao domicílio e de um dermatologista com uma lista de clientes cujo património líquido era equivalente ao PIB de um pequeno país europeu.

Nem mesmo a viuvez conseguia afastar Elisabeth do seu regime de cuidados com a pele. Para um olho destreinado, parecia suave e fresca, sem inchaços e fabulosa, mas as filhas são treinadas desde o nascimento para interpretar as emoções da mãe, e Alice reparou nas pequenas fissuras: a tensão nos cantos dos lábios resguardados por protetor solar, a mancha vermelha que espreitava por cima da gola apumada da camisola branca de algodão com mangas compridas que era um elemento essencial do seu guarda-roupa de verão, um numa dúzia ou mais de peças idênticas que custavam mais do que o salário semanal da maioria das pessoas, o inchaço quase inexistente por baixo dos deslumbrantes olhos azuis que Alice não tinha herdado como a única criança Storm que tinha saído ao pai. Olhos que, naquele momento, estavam um pouco vermelhos.

Não que Elisabeth Winslow Storm admitisse alguma vez ter perdido o sono ou derramado lágrimas pelo seu marido de mais de quarenta anos. As emoções não eram um bem em que a mãe de Alice investisse.

— Sabes que vamos ter um evento na segunda-feira. A Greta ajuda com os preparativos, mas de certeza que podemos encontrar alguma coisa para fazeres.

Não um funeral. Não uma cerimónia. Um *evento*.

Alice engoliu o nó doloroso na garganta.

— Disseste-me ao telemóvel. — Era uma das poucas coisas que Elisabeth tinha dito a Alice quando tinham falado no dia anterior.

O teu pai morreu.

Estava num dos seus brinquedos idiotas.

Vamos receber pessoas na ilha na segunda-feira. Pessoas na ilha. Como se fosse uma festa no jardim. Ainda bem que é um fim de semana prolongado, suponho.

Quando Elisabeth ficou em silêncio, Alice respirou fundo e perguntou:

— Como estás, mãe?

— Eu? — Sobrancelhas louras e aprumadas ergueram-se e Elisabeth extraiu a mão dos dedos de Alice. — Estou ótima.

Lá se ia a possibilidade de o seu regresso a casa ser como nos filmes. Não havia nada que se aproximasse da dor de personagem principal ali, nem mesmo vinte e quatro horas depois da morte de Franklin. Nada de lágrimas partilhadas. Nada de abraço demorado. Nem um indício das emoções da sua mãe.

Elisabeth devia sentir *alguma coisa*, não?

Apesar de não se sentir inclinada a examiná-lo, Alice sentia *alguma coisa*.

Inclinou a cabeça.

— A sério?

— Todos acabamos por morrer, Alice. Já tomaste café?

Anos a falar fluentemente a língua de Elisabeth Storm asseguraram que Alice sabia que não deveria dizer mais nada. Baixou o saco até ao chão.

— Não. — Seguiu Elisabeth até aos fundos da casa, onde o corredor estreito e escuro se abria para uma enorme e brilhante

cozinha rústica completa com uma parede inteira de janelas de estufa, e tentou fazer conversa ligeira. — Quem mais está aqui?

Elisabeth agitou uma mão na direção do teto e dos dois andares adicionais de estúdios, gabinetes, quartos e nichos.

— Toda a gente. Vieram todos mal souberam.

Alice cerrou os dentes perante a comparação impossível de ignorar com os seus irmãos. A sua mãe descontava pontos pelas sete horas que Alice deveria ter dormido debaixo do mesmo teto. Tirou uma grande cafeteira de uma estante e pousou-a sobre a bancada.

— Também vim mal soube, mãe.

— Claro que sim. De comboio.

Aparentemente, o comboio seria o tema, não o pormenor de o seu marido ter morrido inesperadamente.

— Certo. — Alice dirigiu-se à despensa, ligando o interruptor da luz no exterior antes de entrar para ir buscar o café, com a tristeza a brotar quando estendeu a mão para o enorme saco cor de laranja. Franklin Storm podia ter morrido bilionário, mas começara por ser um miúdo de Quincy, Massachusetts, e passara uma vida inteira fiel à Dunkin' Donuts.

As pontas dos seus dedos acariciaram o logótipo enquanto se demorava na despensa, o primeiro dos fantasmas do pai. Se quisesse pintar-lhe a essência, começaria ali. Uma natureza-morta com *pretzels* à moda antiga duros, rebuçados de alçaçuz preto, batatas fritas artesanais, sardinhas enlatadas. Três frascos de *pickles* picantes. Molho de tomate ancestral que insistia em comprar numa quinta do outro lado da baía, em Tiverton.

Não vale a pena comer molho de tomate se não for feito com estes tomates, dizia ele, com a voz a fervilhar de entusiasmo, só igualada pela alegria da senhora que geria o mercado, que se apaixonava um pouco mais pelo excêntrico bilionário de cada vez que ele se aproximava da sua banca.

Era esse o problema, não era? Era incrivelmente fácil que alguém se apaixonasse pelo seu pai, e era absolutamente impossível de amar.

Era fácil agradar-lhe para quem não fosse sua filha.

Alice tinha sido uma adolescente da última vez que tinha estado na Quinta Skipping Stone, que era pouco mais de um celeiro num

campo, a revirar os olhos enquanto toda a gente se encantava a ver Franklin carregar uma caixa de molho, com uma etiqueta postal colada e identificada a marcador, na traseira da velha carrinha que conduzia como se fosse uma pessoa normal.

Pegou no frasco, passando os dedos sobre o seu rótulo novo e adequado. Uma representação artística do celeiro. Um *site*. Ingredientes. Tinha mudado muito, tal como o resto deles.

Era estranho que tivesse sido o rótulo a impressioná-la. Ali, naquela despensa que cheirava aos verões da sua infância, cheia de ar salgado e pesado movido pela velha ventoinha no teto, rodeada por um milhão de coisas que nunca a teriam feito pensar no pai e que, a partir daquele momento, nunca a fariam pensar em mais ninguém, uma lágrima gorda escorreu-lhe pela bochecha.

— Não deixes essa porta bater — disse a mãe da cozinha, onde punha água a ferver. Alice apagou todos os vestígios de emoção. — Fica presa e teremos de chamar o Charlie para te tirar daí.

Charlie, o carpinteiro/faz-tudo/jardineiro/qualquer outra coisa de que os pais precisassem em qualquer momento (casado com Lorraine, cozinheira/doméstica/qualquer outra coisa de que os pais precisassem em qualquer momento), vivia numa das três pequenas cabanas para empregados no extremo norte da ilha, à espera de ser convocado para a casa principal, o moço de recados privativo da sua mãe, com a idade respeitável de 60 e tal anos.

— Como estão o Charlie e a Lorraine? — perguntou Alice, pigarreando e endireitando a coluna, estranhamente grata pela pergunta... por alguma coisa para perguntar quando não queria perguntar nada de importante.

— São o Charlie e a Lorraine. — Uma resposta clássica de Elisabeth, como se dissesse: *Porque é que haveria algo de interessante a dizer sobre esse assunto?*

Alice pegou no café e voltou para a cozinha, onde a mãe já não estava só. A seu lado, remexendo na antiga gaveta de pão forrada a metal que tinha sido salva da primeira encarnação da cozinha, vestido apenas com calças de pijama, estava o irmão mais velho de Alice.

— Sam.

Endireitou as costas com um pacote de *muffins* ingleses na mão.

— Ei! A pródiga regressa! E o pai não está aqui para matar o vitelo gordo.

Alice esboçou um sorriso tenso, a única defesa contra o sarcasmo característico de Sam.

— Engraçado.

— Não devia ser — disse ele, com a sua ternura falsa a deslizar para algo que poderia ter sido desagradável se ele não fosse tão bom a fazê-lo. — Como vieste? A andar?

— Ela apanhou o *comboio* — disse Elisabeth.

Sam sorriu. Era a expressão irritante que os irmãos mais velhos aprendem cedo e usam com frequência.

— Podias ter apanhado boleia. Há um helicóptero.

— Talvez vos surpreenda saber que a última coisa que queria fazer ontem era partilhar uma boleia com a equipa de relações públicas do pai enquanto eles decidiam a melhor forma de proteger o preço das ações.

— Vejam só, que mulher do povo — retorquiu Sam. — Aposto que recibes muito amor na reunião mensal dos 99 %, por estares proibida de te aproximar a menos de um quarteirão da sede da Storm.

E ali estava. A referência ao passado. Alice dirigiu-se à cafeteira no balcão.

— Como está a sede da Storm, Sam? Como corre o trabalho ao fundo do corredor, longe do gabinete do pai?

— Bom, ele está morto, por isso não corre muito bem — disse Sam, sem qualquer sensibilidade, como se fosse feito de *Teflon*, antiaderente, mas tóxico.

Ocorreu a Alice que algures nas emoções do irmão (poucas como fossem) havia uma pontada de... antecipação? Ali estava a oportunidade de Sam para tentar alcançar o título que acreditava ser seu por direito de nascimento desde o momento em que aprendera a palavra *nepotismo*: Diretor Executivo da Storm Incorporated. No que dizia respeito a Alice, Sam podia ficar com ele. Mas todos sabiam a verdade: que, se Franklin já estivesse num túmulo, a ideia o faria dar voltas nele.

— Raios! — gritou Elisabeth, virando-se num círculo perto da bancada central com as tábuas de corte.

Alice e Sam olharam para ela.

— O que foi?

— Deixei o maldito *tablet* lá em cima!

E, depois, olharam um para o outro, com a animosidade entre eles a desaparecer de uma forma que só os irmãos conheciam. Sam ergueu uma sobrancelha para Alice. A irritação de Elisabeth parecia desproporcional ao inconveniente de deixar um *tablet* num andar diferente da casa.

— Está bem... — disse ele lentamente, como se falasse com uma criança rabugenta. — Nós vamos buscar-to.

— Não preciso que ninguém o vá buscar! Sou perfeitamente capaz de o fazer sozinha — ripostou a mãe, batendo com a cafeteira sobre a bancada antes de sair rapidamente da cozinha.

Alice dirigiu um olhar ao irmão.

— Ela parece estar a aceitar tudo bem.

Sam acenou com a cabeça.

— Não podia estar mais de acordo.

O relógio de pêndulo no vestíbulo tocou, assinalando as sete da manhã. Sam estava encostado ao balcão, alourado e bronzeado com o verão, atraente como os homens a caminho dos quarenta eram frequentemente, ocupando o seu espaço sem esforço. No entanto, numa inspeção mais atenta, Sam não parecia assim tão descontraído. Parecia cansado.

— Levantaste-te cedo — disse ela. A observação era uma pergunta. *Que andas a fazer?*

A torradeira estalou, projetando o seu *muffin* inglês. Sam não se mexeu, retribuindo a inspeção de Alice. Era justo, supôs ela, dizendo a si mesma que as suas fissuras estavam mais bem escondidas. Mentindo a si mesma.

— Tu também — respondeu ele. *Tu primeiro.*

Bom. Ela não lhe contaria o que tinha andado a fazer. Sam cravaria os dentes na noite de Alice no Quahog Quay (o *Quem?*, o *Quê?*, o *Porque não foi o teu noivo?* e o *A propósito, onde está o teu noivo?*) e usá-la-ia como arma durante os cinco dias seguintes.

Por isso, guardaram as suas verdades e retiraram-se para os seus eletrodomésticos respetivos.

— Está furiosa — disse Sam. *Tréguas.*

— A mãe? — Alice pôs colheradas de café na cafeteira. — É normal, não é? São as fases do luto.

— Por favor. Como se não soubéssemos todos que ele ia morrer numa merda qualquer de balão de ar quente, paraquedismo, submersível, viagem ao espaço.

— Bolas, Sam.

— Não é verdade?

Franklin Storm tinha morrido num acidente de asa delta, a que a Internet já chamaria certamente não só a morte mais bilionária de sempre de um bilionário, mas também a morte mais Franklin Storm de sempre de Franklin Storm. O pai de Alice nunca tinha encontrado uma forma de desafiar a morte que não tentasse imediatamente e normalmente para as câmaras.

— Sim, mas não esperávamos que acontecessem *ontem*.

Sam deu uma dentada no seu *muffin* inglês.

— Pronto.

— Tenta ter um pouco de...

— Um pouco de quê?

Humanidade? Empatia? Alice abanou a cabeça. A empatia não era uma característica familiar dos Storms. Nunca tinha sido recompensada.

— Não sei. Ele *morreu*.

— E isso é muito importante, o suficiente para *te* fazer voltar para casa — disse ele antes de voltar a morder o *muffin*, de forma sonora e extravagante, fazendo uma daquelas observações que os irmãos gostavam de fazer, como se significassem alguma coisa.

O bule de chá apitou.

— Sim, eu sei. Suficientemente grande para te fazer falares comigo — disse ela, sabendo que era inútil dizer que os seus irmãos a tinham visto partir e nunca tinham dito uma palavra. Franklin podia ter sido o catalisador da sua partida de casa, mas tinha sido o resto da família a mantê-la afastada, demasiado receosa de como os poderia castigar se fizessem mais alguma coisa.

— Isso lembra-me... Tenho um acordo de não divulgação algures para assinares. — Quis que fosse engraçado. Não foi.

Alice deitou água a ferver na cafeteira, salva de preencher o silêncio que se instalou entre eles quando a porta da cozinha se abriu, deixando entrar raios de sol matinal e Greta, a mais velha dos irmãos Storm.

— Oh, meu Deus! Estás *mesmo* aqui! — disse Greta, parecendo mais chocada do que agradaria a Alice.

Conteve a irritação e abriu os braços, fingindo-se indiferente.

— Surpresa — disse.

— Quer dizer, claro que estás aqui.

Fez-se silêncio, apenas o tempo suficiente para ser estranho, antes de Greta se aproximar de Alice e a abraçar, tão depressa que quase não aconteceu.

Quando se afastaram, Alice preencheu o estranho silêncio com:

— Como estás...?

— Estou ótima — disse Greta, a imitar sem surpresa a sua mãe enquanto passava a mão pelo longo cabelo alourado, que combinava perfeitamente com o de Sam, e pelo tecido ondulante da camisola de alças que usava sobre as calças de ioga pretas.

— Eu estava — acenou na direção da porta — a dar um passeio.

Era uma mentira descarada, que Greta tinha repetido milhares de vezes ao longo dos anos. Todos sabiam exatamente para onde a irmã mais velha dos Storm ia à noite, quando julgava que todos na casa dormiam, mas não era relevante naquele momento e, por isso, Alice decidiu não comentar.

Sam não teve o mesmo tato.

— Sabes, Greta, agora que ele morreu, não tens de esconder.

— Esconder o quê? — disse Greta, com a sua voz a subir uma oitava enquanto mexia na sua pulseira com diamantes.

Alice tirou uma caneca de uma estante grande.

— Acho que ele se refere a ti e ao Tony.

— Eu e o Tony o quê? — perguntou Greta antes de perceber que tinha violado a regra fundamental dos Storms: nunca aceitar a premissa de uma pergunta. Tentou recompor-se, com a coluna a tornar-se impossivelmente mais direita. — O Tony do pai?

— Já não é o Tony *do pai*. Acho que é justo dizer que o recebes como herança.

Alice ergueu os olhos.

— Sam!

— Vá lá! Era uma piada! — Abriu muito os braços. — Como se não estívéssemos todos a pensar nisso.

— Não estamos todos a pensar no que recebemos como herança, Sam — ripostou Greta. — Só tu, a tentares conseguir aquela promoção que não conseguiste quando ele estava vivo.

— Estás muito melindrosa para alguém que passou a noite toda a dar quecas, Greta — respondeu ele.

— Sam... — disse Alice, como se o conseguisse impedir. E não conseguia. Nunca o tinha conseguido antes e, no presente, já não se iludia a pensar que tinha qualquer controlo.

— A questão é que é estúpido que ela continue a guardar segredo.

— Estúpido ou não, não te diz respeito — disse Alice. O caso entre a irmã e o motorista/guarda-costas do pai ao longo dos anos era o segredo mais mal guardado da família. Toda a gente sabia, mesmo quando Greta se recusava a tornar a relação pública por medo da censura de Franklin, um medo que Alice sabia em primeira mão que tinha fundamento, não por Tony ser um empregado, mas porque pertencia a *Franklin*.

Franklin Storm era um homem que gostava de acumular. Terras, arte, empresas, experiências, dinheiro. Poder acima de tudo, mas também atenção. E pessoas. E não gostava de partilhar.

Alice estendeu a caneca fumegante a Greta, uma oferenda de solidariedade fraterna. A Storm mais velha aceitou a caneca, mas não o apoio. Estava já focada na porta da cozinha.

— A mãe está acordada?

— Como nunca — disse Sam.

Greta moveu os olhos de um para o outro e a sua voz tornou-se aguda.

— Que quer isso dizer? Que aconteceu? Está chateada? — De todos eles, Greta era a mais atenta aos estados de espírito de Elisabeth, sempre à procura de formas de a deixar feliz, um dos inúmeros motivos pelos quais mantinha a sua relação com Tony em segredo.

— De certa forma? — disse Alice.

— Quase atirou uma cafeteira à Alice.

Os olhos de Greta arregalaram-se.

— *Eu sei* — retorquiu Alice. — E o Sam estava *ali mesmo*.

Toda a gente se riu e, por um momento, tudo pareceu bem.

— Quando chegaste? — perguntou Greta, dirigindo-se para o frigorífico.

— Há meia hora?

Greta ergueu um iogurte na direção de Alice.

— Esta manhã?

Alice acenou com a cabeça em resposta à pergunta e ao iogurte.

— Sim, investiguemos isso — disse Sam, parecendo um rapaz de 15 anos e não um homem adulto. — Todos sabemos onde esteve a Greta ontem à noite, mas onde estiveste *tu*?

Alice focou-se em tirar a tampa de alumínio do pequeno pote de barro.

— Houve uma tempestade. Não quis arriscar-me a navegar nela.

Foi a vez de Greta e Sam partilharem um olhar.

— Sim. Vais precisar de uma melhor do que essa se queres que a mãe acredite — disse Sam. — Há sempre uma tempestade.

Não me digas.

— Exatamente. E não devemos navegar nelas. — Fez uma pausa. — Além disso, havia fotógrafos.

Aquilo fê-los parar. Sam foi o primeiro a falar.

— Onde?

— Na estação.

— Como sabiam que estarias lá? — perguntou Greta.

Sam praguejou entredentes.

— Sabiam porque a Alice orgulha-se de Não Ser Como os Outros Storms. Professora de escola pública, heroína do proletariado, depois de nos renegar a todos. Mas se ia ou não aparecer era uma das questões verdadeiramente interessantes do dia e, quando digo interessante, quero dizer que valia *bom dinheiro*.

— Não podia ser de outra forma. Claro que vim. — Alice suprimiu a sua irritação, forçando-a a descer, juntamente com a vergonha que já sentia por não ter esperado os fotógrafos. O seu pai tê-los-ia esperado. Ignorou o aperto no peito. — Estou impressionada por conseguires usar a palavra *proletariado* numa frase, Samuel.

Sam ignorou o insulto. Não era o tipo de pessoa que se deixava insultar.

— Conseguiram fotografias? — perguntou Greta.

Alice abanou a cabeça.

— Não. — Não havia necessidade de partilhar a que ponto tinham estado perto de conseguir fotografias.

Passou um longo momento enquanto os irmãos a observavam, procurando a verdade, que era escassa quando os Storms se juntavam, contada em metades e quartos, demasiado valiosa para ser dada de graça e por isso escondida e convertida em segredos, um investimento muito melhor.

Mas Alice tinha dito a verdade (sobre as fotografias, pelo menos) e acreditaram nela (sobre as fotografias, pelo menos).

— Não se passa nada entre mim e o Tony — afirmou Greta, daquela forma casual com que as pessoas afirmavam coisas que não eram nada casuais. E aquela não era. Há dezassete anos que Greta e Tony não eram casuais. Quando nem Sam nem Alice responderam, mudou de assunto e perguntou a Alice: — Passaste a noite na cidade?

— Hum-hum. No Quahog Quay.

Um momento de silêncio. *Bolas.* Alice estava enferrujada e tinha-se esquecido de que as conversas com a família deviam ser tratadas como depoimentos. Responder à pergunta feita e nada mais. Greta investiu.

— Com o Griffin?

Lá se ia a solidariedade.

— Não. — Alice ignorou a forma como os seus irmãos ficaram imóveis, imediatamente repletos de uma antecipação silenciosa. Fez-se de desentendida. — Ele tinha de trabalhar.

Greta bebeu um gole do seu café.

— Ah, sim? Já tem um emprego a sério? — perguntou Sam.

— Tu tens? — Alice odiava o facto de estar na defensiva acerca de alguém que tinha feito as malas e partido sem qualquer explicação, como se não tivessem passado anos juntos. Como se não tivessem planeado ficar juntos para o resto da vida.

Bom. *Alice* tinha planeado isso. Griffin, evidentemente, tinha planeado uma saída... e ela nunca o tinha percebido.

Sam sorriu, sabendo que tinha tocado num ponto sensível.

Irritada, Alice não se coibiu de responder de forma incisiva.

— Onde está a Sila?

Podia ter escapado por pouco ao seu erro conjugal, mas Sam tinha avançado diretamente para o seu. A mulher dele, Sila, ter-se-ia, sem dúvida, gabado à mãe, às falsas amigas e a todos os que estivessem por perto no momento em que pescou Sam Storm como uma truta premiada.

Sam calou-se e Alice resistiu a regozijar-se depois de encontrar a sua própria coragem.

— Podias ter dito só que ficavas feliz por me ver, Sam.

— Porque ficaria eu feliz por te ver? — retorquiu e, da boca de outro irmão, noutra família, poderia ter sido uma piada.

Mas os Storms eram assim.

Alice olhou para Greta, que olhava para a sua caneca de café sem dizer nada. Claro que sim. Alice pousou o seu café na bancada.

— Vou desfazer as malas.

Nenhum dos seus irmãos respondeu. Que havia para dizer? Nem trinta minutos tinham passado e já voltavam aos seus antigos papéis.

Família.

«Uma história apaixonante e viciante que combina trauma geracional, mistério e romance. Se está à procura da leitura de verão perfeita, acabou de a encontrar!»

ALI HAZELWOOD,

autora bestseller de *A Hipótese do Amor*

—————

Há cinco anos que Alice Storm não é convidada a regressar à ilha privada da família, na costa de Rhode Island, desde que decidiu construir a vida longe da sombra dos milhões e da influência do seu apelido. A morte trágica do pai, o genial e excêntrico Franklin Storm, porém, muda tudo.

O plano de Alice era deixar as suas condolências e partir assim que o funeral terminasse, mas o seu pai teve outra ideia. Após a morte, o manipulador patriarca deixou à família um último desafio: um jogo pela herança. As regras são simples: *passem uma semana na ilha, realizem as tarefas que vos são atribuídas, e recebam a herança.*

Para Alice, contudo, passar uma semana em Storm Island é mais difícil do que possa parecer. Cada canto da velha casa está repleto de caos. O caso amoroso secreto da irmã mais velha. A arrogância infinita do irmão. A constante análise das *vibrações* feita pela irmã mais nova. O temperamento frio e crítico da mãe. Tudo sob o olhar severo e atento de Jack Dean, o enigmático (e irritantemente atraente) braço-direito do pai. Será um milagre se Alice conseguir escapar ilesa desta semana.

—————

Uma história terna e inteligente sobre o poder transformador do luto, do amor e da família, e um inesquecível romance que explora os segredos do passado, as verdades do presente e os futuros forjados na bonança das mais selvagens tempestades de verão.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-930-8



9 789895 839308